

Pr. Leandro B. Peixoto
Segunda Igreja Batista em Goiânia
www.sibgoiania.org
7 de junho de 2026

Hebreus: A Superioridade de Cristo
Mensagem nº 43

Maior do que você imagina

Hebreus 7.1-10 (NAA)

¹Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, foi ao encontro de Abraão, quando este voltava da manança dos reis, e o abençoou. ²Foi para ele que Abraão separou o dízimo de tudo. Primeiramente o nome dele significa “rei da justiça”; depois também é “rei de Salém”, ou seja, “rei da paz”. ³Sem pai, sem mãe, sem genealogia, ele não teve princípio de dias nem fim de existência, mas, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre. ⁴Vejam como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos. ⁵Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, de acordo com a lei, de recolher os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora estes sejam descendentes de Abraão. ⁶Entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre os filhos de Levi recebeu dízimos de Abraão e abençoou aquele que havia recebido as promessas. ⁷Evidentemente, não há dúvida de que o inferior é abençoado pelo superior. ⁸Aliás, aqui os que recebem dízimos são homens mortais, porém ali o dízimo foi recebido por aquele de quem se testifica que vive. ⁹E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. ¹⁰Porque Levi, por assim dizer, já estava no corpo de seu pai Abraão, quando Melquisedeque foi ao encontro deste.

O poder da comparação

A comparação é uma das formas mais econômicas de descrever alguém. Quando dizemos que um jogador em ascensão tem a classe de Pelé, não precisamos explicar mais nada. Pelé era aquele que

fazia tudo excepcionalmente bem dentro de campo — direita, esquerda, chute, cabeceio, velocidade, visão de jogo. Completo em tudo. Nenhum atributo faltava. Quando dizemos que um piloto tem a pegada de Ayrton Senna, evocamos algo diferente: o homem que não apenas vence — mas que brilhava mais quando a pista estava molhada, quando as condições eram mais difíceis, quando os outros recuavam. Com uma única comparação, dizemos em poucas palavras o que levaria páginas para descrever.

A carta aos Hebreus descreve o sacerdócio do Senhor Jesus Cristo exatamente assim — por comparação. Mas o autor não escolhe uma figura famosa, celebrada, presente em todos os livros. Ele escolhe um dos personagens mais misteriosos e obscuros de todo o Antigo Testamento — e eu duvido que você cogitaria ou tenha cogitado este nome para um filho: **Melquisedeque**.

O nome aparece pela primeira vez em **Gênesis 14**, numa cena de apenas quatro versículos, e depois desaparece por quase mil anos até reaparecer num único versículo do **Salmo 110**. Isso é tudo. Nenhuma genealogia, nenhuma história, nenhum registro de nascimento ou morte.

E é exatamente nessa figura enigmática que o autor de Hebreus enxerga os contornos do Cristo. Ele já fez essa comparação três vezes antes de chegar ao capítulo 7. Em **Hebreus 5.6** ela aparece pela primeira vez; em **Hebreus 5.10** é retomada; em **Hebreus 6.20** o autor escreve que Cristo se tornou “sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.” Mas a comparação persiste, aguardando explicação.

O autor a extrai do **Salmo 110.4**, em que Davi a empregou para descrever a vinda do **Cristo** (ou: *Messias*): “O Senhor jurou e não voltará atrás: Você é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”

Agora em Hebreus 7 ele finalmente chega lá.

E o que ele vai mostrar é que Cristo é maior do que Abraão imaginou, maior do que Levi compreendeu, maior do que qualquer categoria religiosa conhecida pelos seus leitores — e, certamente, maior do que você imagina.

Quem é Melquisedeque?

Já dissemos que Melquisedeque aparece brevemente apenas em Gênesis 14. Foi assim: **Ló**, sobrinho de Abraão, havia se instalado em Sodoma — uma escolha que custaria caro.

Quando uma coalizão de quatro reis do oriente atacou e saqueou a região, Ló foi levado como prisioneiro. Ao saber disso, Abraão não hesitou. Reuniu seus 318 homens mais capazes e partiu ao resgate. Venceu a batalha, libertou o sobrinho e voltou carregando os despojos da vitória (Gn 14.12-16).

Foi nesse momento — Abraão retornando da guerra, exausto, vitorioso e temeroso (cf. Gn 15.1) — que **Melquisedeque** saiu ao seu encontro. O texto é curto, mas carregado de mistério:

Gênesis 14.17-20

¹⁷Quando Abrão regressava, depois de derrotar [...] os reis [...], o rei de Sodoma foi ao encontro dele no vale de Savé, que é o vale do Rei. ¹⁸E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho. Ele era sacerdote do Deus Altíssimo. ¹⁹Ele abençoou Abrão e disse: “Abrão seja abençoado pelo Deus Altíssimo, que criou os céus e a terra. ²⁰E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os adversários de você nas suas mãos.”

Quatro versículos. E não são versículos acidentais.

John H. Sailhamer observou que Melquisedeque é inserido nessa narrativa por Moisés com uma função muito precisa — na verdade, com três funções que se entrelaçam.

A primeira função é narrativa: Melquisedeque aparece como contraponto deliberado ao rei de Sodoma. A cena seguinte (Gn 14.21-24) mostrará Abraão recusando com firmeza qualquer recom-

pensa oferecida por esse rei — e o leitor só entende a grandeza dessa recusa porque já viu Abraão receber, com gratidão, o pão, o vinho e a bênção de Melquisedeque — em ato sacerdotal (v. 18).

A segunda função é teológica: Após a batalha, havia uma questão urgente no ar:

A quem pertencia o crédito pela vitória de Abraão?

O rei de Sodoma já estava se aproximando — e a cena seguinte mostraria que ele tentaria negociar os espólios como se a vitória fosse fruto de esforço puramente humano. Mas Melquisedeque chega primeiro. E antes que qualquer outra interpretação se instale, ele declara a vitória como obra de Deus: “Bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os adversários de você nas suas mãos” (v. 20).

Sailhamer nota que o título usado por Melquisedeque para se referir ao SENHOR — “Deus Altíssimo, que criou os céus e a terra” — é deliberado. Ele vincula o Deus de Melquisedeque ao Deus Criador do Gênesis 1. Não são deuses diferentes. É o mesmo Deus, reconhecido por esse sacerdote misterioso no meio de uma terra pagã. A vitória de Abraão não foi estratégia militar nem coragem humana — foi o Deus que fez os céus e a terra combatendo por ele.

Abraão reconhece essa interpretação como verdadeira — e o dízimo é a sua resposta (v. 20). Dar o dízimo a Melquisedeque é reconhecer publicamente que a vitória não foi sua. Foi de Deus. O dízimo, portanto, não é apenas gratidão — é uma confissão de fé.

A terceira função é tipológica: A lei de Moisés determinaria que, antes de qualquer batalha, o sacerdote se adiantaria e falaria ao povo — **Deuteronômio 20.2-4:**

[...]“Escute, povo de Israel! Hoje vocês estão se preparando para lutar contra os seus inimigos. Que o coração de vocês não desfaleça. Não tenham medo, não tremam, nem fiquem apavorados diante deles, porque o SENHOR, o Deus de vocês, é quem os acompanha e vai lutar por vocês contra os seus inimigos, para que vocês sejam salvos.”

Melquisedeque faz exatamente isso — mas *depois* da batalha, não antes. Ele sai ao encontro de Abraão e proclama que foi o Senhor quem entregou os inimigos nas suas mãos.

Sailhamer observa que Moisés está mostrando algo surpreendente com isso: Abraão já vivia em conformidade com a lei antes mesmo de ela ser dada no Sinai. O sacerdote que deveria falar antes da batalha já estava presente — interpretando a vitória à luz de Deus, assim como a lei mais tarde exigiria. A lei não trouxe uma novidade — formalizou o que o povo de Deus já vivia por fé.

Mas depois de cumprir essas três funções — narrativa, teológica e tipológica —, Melquisedeque desaparece do texto tão subitamente quanto apareceu. Seu nome só voltará a ser mencionado, como já dissemos, quase mil anos depois, num único versículo do Salmo 110 (v. 4). É tudo que a Bíblia nos diz sobre ele.

Não surpreende, portanto, que a pergunta tenha intrigado intérpretes por séculos:

QUEM FOI MELQUISEDEQUE?

Dada a depravação dos cananeus nos tempos de Abraão, como surgiu essa *extraordinária figura tão piedosa*? E por que não se fala mais nada a seu respeito?

Ao longo da história judaico-cristã, surgiram várias respostas.

Alguns dizem que era Sem, filho de Noé e ancestral de Abraão. Outros sugerem tratar-se de um ser celestial — um anjo.

O problema com essas perspectivas é que nada no texto as sustenta. **Quanto à hipótese de ser Sem:** Moisés foi criterioso com genealogias ao longo de todo o Gênesis — se Melquisedeque fosse Sem, certamente o teria identificado. O silêncio genealógico não é descuido; é intencional, como veremos.

Quanto à hipótese angelical: ela esbarra na própria lógica da carta aos Hebreus. O autor estabelece o princípio em Hebreus 5.1

— “Cada sumo sacerdote, sendo escolhido *dentre os homens*, é constituído nas coisas relacionadas com Deus, a favor dos homens, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” — e em Hebreus 2.14 vai ainda mais longe: Cristo participou da carne e do sangue exatamente para que, pela morte, pudesse salvar os que estão sujeitos à morte.

Um ser angelical, portanto, não pode representar a raça humana porque não pertence a ela. Não pode morrer por nós porque não morre como nós.

Anjos não são redimíveis nem redentores — e Hebreus 1–2 os distingue cuidadosamente de Cristo, que é superior a eles precisamente porque é o Filho eterno que se fez homem.

Logo, sendo um tipo de Cristo, Melquisedeque era um homem. E é exatamente como homem que ele aponta para o Homem — o segundo Adão — que haveria de vir.

Outros argumentam que Melquisedeque era o próprio Cristo aparecendo antes da encarnação. Mas o texto de Hebreus 7 descarta isso com uma observação simples: ele é descrito como “feito semelhante ao Filho de Deus” (Hb 7.3). Se ele fosse o Filho de Deus, por que seria descrito como *semelhante* a ele? Ninguém é semelhante a si mesmo.

Há ainda outro problema.

O autor de Hebreus descreve o sacerdócio de Cristo como sendo “segundo a ordem de Melquisedeque” — ou seja, Melquisedeque é o modelo, e Cristo é aquele que o cumpre. Mas se os dois fossem a mesma pessoa, essa afirmação não faria o menor sentido. Ninguém pertence à ordem de si mesmo.

Melquisedeque é um tipo — uma pessoa real que aponta para outra pessoa real que ainda estava por vir. O tipo não é a coisa em si. É a sombra que anuncia a realidade.

Devemos concluir, portanto, que sabemos muito pouco sobre quem Melquisedeque foi — e a Bíblia parece intencional nisso, como veremos. O que podemos afirmar é que, num mundo mergulhado na idolatria, enquanto os próprios ancestrais de Abraão e o próprio Abraão em Ur dos Caldeus serviram a outros deuses, Melquisedeque manteve pura a fé no Deus de Noé, tal como a recebera dos tempos do dilúvio. Foi, de fato, um homem extraordinário — mas ainda um homem, alguém de quem a Bíblia nos conta apenas o que quer que saibamos, nem mais nem menos.

Calvino disse dele: “Entre as corrupções do mundo, ele só, nessa terra, era íntegro e sincero cultivador e guardião da fé.”

Melquisedeque nos lembra de que é possível seguir e honrar a Deus num mundo ímpio — e isso já seria suficiente para que valesse a pena conhecê-lo. Mas o autor de Hebreus tem um objetivo maior do que nos apresentar um exemplo de piedade. Ele nos mostra essa figura para que vejamos, nos seus contornos, algo — e alguém — muito maior do que ele.

O homem que apareceu do nada

Hebreus 7.1-3 destaca quatro coisas sobre Melquisedeque — e cada uma delas aponta para além dele mesmo.

A primeira é que ele era ao mesmo tempo **REI E SACERDOTE** (v. 1). No Israel do Antigo Testamento, esses dois ofícios eram estritamente separados — assim como hoje separamos os poderes executivo, judiciário e legislativo para que nenhum homem concentre todo o poder. Essa separação protegia Israel. Melquisedeque, porém, combinava os dois ofícios — e era digno de ambos.

A segunda é que ele **ABENÇOOU ABRAÃO** e lhe trouxe pão e vinho (v. 1; Gn 14.18). Abraão voltava exausto da batalha — e Melquisedeque foi ao seu encontro. O pão e o vinho faziam parte da mesa comum, mas sua oferta a um guerreiro vitorioso sinalizava

acolhimento e honra (cf. 2Sm 16.1-2). O gesto era ao mesmo tempo hospitaleiro e sacerdotal: ele sustentou o corpo do patriarca e declarou a bênção de Deus sobre Abraão no momento mais alto da sua vida, diante de todos. O maior (i.e., Melquisedeque) abençoou o menor (i.e., Abraão).

Observação:

Embora pão e vinho fizessem parte do culto de Israel (Lv 2.4-16; 23.13; Nm 28.14) e mais tarde ganhassem significado pleno na ceia do Senhor (1Co 11.26), Kenneth A. Mathews observa que aqui não há sentido cultual explícito — ainda. O significado tipológico mais profundo virá depois, à luz de Cristo. Por ora, o texto mostra algo simples e poderoso: Melquisedeque não esperou que Abraão viesse até ele. Ele foi a Abraão — e o abençoou (Hb 7.1).

A terceira característica é **O SIGNIFICADO DO SEU NOME E TÍTULO** (v. 2). Melquisedeque significa *rei de justiça* (*Malkî-šedek*). Seu título, *rei de Salém* (*melek šālēm*), vem da palavra hebraica *shalom* — paz divina e completa. Salém é identificada com Jerusalém, associada a Sião no Salmo 76.2.

Numa região marcada pela impiedade e pela violência — basta lembrar do rei de Sodoma — aqui estava um rei de justiça governando a cidade da paz. Os dois títulos não são decorativos. Eles descrevem quem ele era — e, principalmente, quem ele tipificava.

A quarta coisa é **O SILÊNCIO** — é a mais singular (v. 3): “Sem pai, sem mãe, sem genealogia, ele não teve princípio de dias nem fim de existência, mas, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre.”

É importante entender o que o texto está realmente dizendo — e o que não está. Ele não afirma que Melquisedeque literalmente não teve pai nem mãe, nem que nunca nasceu ou nunca morreu. O que ele diz é que nada disso foi registrado (v. 6: “aquele cuja genealogia não se inclui”). Em toda a sequência de Gênesis, quase todo

personagem vem acompanhado de genealogia — nascimento, morte, ancestrais, descendentes. Melquisedeque aparece sem nada disso. Sem origem registrada. Sem morte registrada. Entra na narrativa e sai dela como se viesse do nada e fosse para lugar nenhum.

O autor de Hebreus, seguindo uma tradição rabínica bem estabelecida, lê esse silêncio como intencional.

A. W. Pink explica: “A completa omissão foi ordenada pelo Espírito Santo [...] a fim de apresentar um tipo perfeito do Senhor Jesus.”

E. F. Bruce acrescenta: “Em tudo isto — no silêncio, bem como nas declarações —, ele é um digno tipo de Cristo.”

O silêncio fala. E o que ele diz aponta para alguém muito maior: Jesus, o Messias.

O sacerdócio superior de Cristo

Mas o autor de Hebreus não nos apresenta Melquisedeque apenas para que contemplemos o mistério. Ele tem um objetivo muito preciso — e agora, em **Hebreus 7.4-10**, ele o declara abertamente: o sacerdócio de **Cristo é superior** ao sacerdócio de Arão e de todos os levitas da antiga aliança.

Melquisedeque — esse homem que apareceu do nada, sem genealogia, sem registro de morte, feito semelhante ao Filho de Deus — é o tipo que o autor usa para provar esse ponto. E ele o prova com três argumentos.

1. Abraão pagou dízimo a Melquisedeque

Hebreus 7.4

Vejam como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos.

No mundo antigo, pagar dízimo não era apenas generosidade — era submissão pública. Quem pagava reconhecia diante de todos: este é maior do que eu.

Isso torna o argumento transparente: Abraão — o patriarca, o homem das promessas — reconheceu publicamente a grandeza de Melquisedeque. E isso é surpreendente. Os levitas tinham, pela lei, o direito garantido de receber dízimos de todo o povo de Israel (v. 5). Melquisedeque não tinha qualquer vínculo levítico — e ainda assim recebeu de Abraão o dízimo dos melhores despojos (v. 6).

Hebreus 7.5-6 ⁵Ora, os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, de acordo com a lei, de recolher os dízimos do povo, ou seja, dos seus irmãos, embora estes sejam descendentes de Abraão. ⁶Entretanto, aquele cuja genealogia não se inclui entre os filhos de Levi recebeu dízimos de Abraão e abençoou aquele que havia recebido as promessas.

O autor vai ainda mais longe nos vv. 9–10: Levi também pagou dízimo a Melquisedeque — na pessoa de Abraão, seu ancestral. Isso pode soar estranho, mas o raciocínio era familiar ao leitor judeu: os descendentes estavam representados nos atos dos seus ancestrais — o mesmo princípio que Paulo usa em Romanos 5 ao dizer que todos pecamos em Adão.

O próprio sacerdócio levítico, portanto, por meio de Abraão, reconheceu a grandeza de Melquisedeque.

Hebreus 7.9-10 ⁹E, por assim dizer, também Levi, que recebe dízimos, pagou-os na pessoa de Abraão. ¹⁰Porque Levi, por assim dizer, já estava no corpo de seu pai Abraão, quando Melquisedeque foi ao encontro deste.

A conclusão é inevitável:

Se os levitas pagaram dízimo a Melquisedeque, o sacerdócio que ele representa é superior ao deles — e Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, é o sacerdote que a lei cerimonial jamais conseguiu prover.

2. Melquisedeque abençoou Abraão

Melquisedeque não apenas recebeu o dízimo — ele “abençoou aquele que havia recebido as promessas” (v. 6b).

No Antigo Testamento, bênção sacerdotal não era uma boa palavra de despedida. Era uma declaração de autoridade — quem abençoava falava em nome de Deus sobre aquele que recebia. Somente quem estava em posição superior podia abençoar.

Por isso o princípio do versículo 7 é irrefutável: “o inferior é abençoado pelo superior.” Abraão — o patriarca, o homem das promessas — foi abençoado por Melquisedeque.

Conclusão inevitável: Melquisedeque era maior do que Abraão. E se era maior do que Abraão, era maior do que todo o sacerdócio que viria dele.

Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, é portanto maior do que tudo que o sacerdócio levítico jamais pôde oferecer — o único mediador com autoridade plena para abençoar em nome de Deus.

3. Melquisedeque representa vida permanente

O versículo 8 traça um contraste decisivo: “aqui os que recebem dízimos são homens mortais, porém ali o dízimo foi recebido por aquele de quem se testifica que vive.”

O sacerdócio levítico dependia de continuidade. Os registros genealógicos de Crônicas e Esdras mostram o quanto isso importava — porque sacerdotes morriam, e era preciso sempre outro. Homens que morrem não podem garantir a salvação de ninguém.

Melquisedeque é diferente. O testemunho de que ele “vive” é o mesmo silêncio que já vimos: não há registro de morte em lugar nenhum da Escritura. Ele aparece, abençoa e desaparece — sem fim registrado. O autor lê esse silêncio como intencional: Melquise-

de que prefigura um sacerdócio que não precisa de sucessão porque o sacerdote permanece vivo.

É exatamente isso que Cristo cumpre.

Mais adiante, no **versículo 16**, o autor dirá que ele foi constituído sacerdote “não conforme a lei de mandamento carnal, mas segundo o poder de vida que não tem fim.” Os levitas eram sacerdotes pela linhagem. Cristo é Sacerdote pelo poder de uma vida que a morte não pôde deter. Ressuscitou. Subiu aos céus. E intercede agora — e para sempre — por todos os que se aproximam de Deus por meio dele.

O que tudo isso significa

Voltar ao judaísmo não é voltar às origens — é abandoná-las.

A lei de Moisés, com seu sacerdócio, está fundamentada no mesmo evangelho de Cristo que Melquisedeque já representava — séculos antes de Moisés, antes do Sinai, antes de Levi. Abandonar Cristo é abandonar o fundamento sobre o qual toda a antiga aliança foi construída.

A nova aliança não é uma novidade nem uma segunda tentativa de Deus. É o cumprimento do que sempre esteve ali — prefigurado, antecipado, prometido. Abraão contemplou essa esperança pela fé. Como Jesus disse aos fariseus: “Abraão, o pai de vocês, alegrou-se por ver o meu dia; e ele viu esse dia e ficou alegre” (Jo 8.56) — não com os olhos, mas pela fé, através dos tipos e das promessas que ia recebendo ao longo da vida.

É possível que Jesus tivesse em mente especialmente o encontro com Melquisedeque. Que alegria deve ter sentido Abraão ao ver diante de si aquele que já apontava para Cristo — oferecendo pão e vinho que falavam, antes do tempo, da obra salvífica ainda por vir.

O Salvador que ninguém esperava

Não há para onde voltar. Moisés aponta para Cristo. A lei aponta para Cristo. Melquisedeque — séculos antes de Moisés — já apontava para Cristo. Abraão — o herdeiro de todas as promessas — aponta para Cristo. Abandonar Cristo não é recuar para as origens. É abandoná-las por completo.

E o mesmo vale para nós. Não há rito, pessoa, divindade, ser, ideologia, filosofia ou entidade que chegue onde Cristo chega. Esta passagem nos dá três razões para crer nele e perseverar nele.

1. A excelência de Cristo

No esboço de Melquisedeque vimos os contornos do Messias — e ninguém além de Jesus os preenche.

Quem mais pode ser ao mesmo tempo Sacerdote e Rei? Quem combina poder absoluto com mansidão de espírito? Em quem mais encontramos justiça e paz perfeitas?

Se você quer ver a personificação da justiça, leia a vida de Jesus. Se você quer ver paz, observe os efeitos da sua presença — a tempestade acalmada, os demônios expulsos, as enfermidades curadas. Jesus é a nossa justiça e a nossa paz. Não existe outro.

2. O ministério de Cristo

Abraão voltava exausto da batalha — e Melquisedeque foi ao seu encontro com pão, vinho e a bênção de Deus. Não esperou que Abraão viesse até ele.

Cristo fez o mesmo — em escala infinitamente maior. Abraão lutou contra reis. Cristo lutou contra o pecado, a morte e o inferno — e venceu. E assim como Melquisedeque foi ao encontro do guerreiro exausto, Cristo ressurreto vem ao encontro do seu povo. Não exige força própria. Ele vem. E vem com as mãos cheias.

Mas aqui a analogia alcança seu limite — e é aí que a grandeza de Cristo se revela. Melquisedeque trouxe pão e vinho. Cristo oferece a si mesmo. Melquisedeque abençoou com palavras. Cristo abençoa com seu próprio corpo entregue e sangue derramado. Melquisedeque foi uma sombra. Cristo é a realidade.

Por isso ele disse: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35).

3. A paz que só Cristo pode dar

Paz é o que todos buscam — pelo consumismo, pelo entretenimento, pelas telas, pela ambição, pelo romance, pela comida, bebida ou a droga. As pessoas tentam aquietar a voz interior irrequieta. Mas sem justiça não há paz — nem nos lares, nem nas consciências onde o pecado reina sem perdão.

Jesus é o nosso Melquisedeque — Rei de Justiça que nos purifica pelo seu sangue e nos veste com a sua obediência perfeita. Só então o coração encontra paz.

Ele disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; [...] Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27).

Nenhum outro pode dizer isso. Nenhum outro tem o direito de dizer isso. Só aquele que é ao mesmo tempo Rei de justiça e Rei de paz — somente Jesus Cristo.

Para sempre ele reinará sobre a sua cidade da paz eterna.

E a Bíblia nos diz como essa história termina — e recomeça:

Apocalipse 21.3-4

Então ouvi uma voz forte que vinha do trono e dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os seres humanos. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles e será o Deus deles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima. E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.

Haverá somente paz. Paz maior do que você imagina.

S.D.G. L.B.Peixoto.